

Evasão, Repetência e Rendimento Escolar – a realidade do sistema educacional brasileiro¹

Heraldo Marelim Vianna²

As pesquisas sobre rendimento escolar de alunos do 1º grau, realizadas por solicitação do Ministério da Educação³, avaliaram o desempenho de aproximadamente 30.000 estudantes, distribuídos entre as 1ªs, 3ªs, 5ªs e 7ªs séries, de 238 escolas da rede oficial em 69 cidades dos vários estados brasileiros. Os dados encontrados permitiram coletar informações a nível nacional, assim como identificar, na diversidade do quadro educacional brasileiro, alguns pontos críticos em relação ao desenvolvimento do currículo escolar, além de elementos sobre evasão e reprovação na escola de 1º grau.

Os dados das pesquisas confirmaram uma informação que é do conhecimento geral: – as escolas de 1º grau da rede oficial possuem uma clientela oriunda de segmentos econômicos menos favorecidos. Observou-se, entretanto, um início de migração de elementos da classe média da escola privada para a escola oficial, face às dificuldades vivenciadas pela população brasileira. A escola de 1º grau oficial revelou-se, assim, uma escola das classes mais pobres e daquelas em fase de empobrecimento.

Os problemas apontados pelas pesquisas revelaram-se comuns às várias escolas, independentemente de sua localização espacial nas unidades da Federação. A escola de 1º grau da rede oficial, com freqüência, não apresentava uma estrutura organizacional adequada, havendo carência de responsáveis pela sua administração

1 Trabalho apresentado no Simpósio "Educação: o desafio do Ano 2000" realizado no Senado Federal, Brasília, DF, no dia 29 de maio de 1991.

2 Do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas (SP).

3 VIANNA, H.M. e GATTI, B.A. (1988) Avaliação do Rendimento de Alunos de Escolas do 1º Grau da Rede Pública: uma aplicação experimental em 10 cidades. *Educação e Seleção*, jan./jun., nº 17, Fundação Carlos Chagas, São Paulo. VIANNA, H.M. (1989) Avaliação do Rendimento de Alunos de Escolas do 1º Grau da Rede Pública: um estudo em 20 cidades. *Educação e Seleção*, jan./jun., nº 19, Fundação Carlos Chagas, São Paulo. VIANNA, H.M. (1989) Avaliação do Rendimento de Alunos de Escolas do 1º Grau da Rede Pública: um estudo em 39 cidades. *Educação e Seleção*, jul./dez., nº 20, Fundação Carlos Chagas, São Paulo.

e falta de elementos qualificados para o exercício da docência. A problemática sócio-econômica, as deficiências no processo de alfabetização, a falta de pré-requisitos dos alunos e mais o despreparo profissional dos professores, como as pesquisas constataram, contribuem para gerar um quadro extremamente crítico na escola de 1º grau. Ao longo das investigações, ficou positivado que essa escola, na sua atual configuração, não é fonte de interesse para as crianças, que consideram o estudar e o aprender obrigações penosas. A escola, como instituição responsável pelo processo de educação formal, não motiva os alunos e nem atrai os professores com melhores qualificações; dessa forma, conforme se constatou, enfrenta três graves problemas: evasão, índices alarmantes de repetência e deficiências ao longo da aprendizagem, sobretudo nas séries iniciais.

A falta de arquivos ou assentamentos em muitas escolas e ausência de pessoal administrativo qualificado geraram, em vários momentos da pesquisa, a suspeição de que nem sempre as "estatísticas" oferecidas sobre EVASÃO se revestiam de credibilidade. Eram estimativas e até mesmo meras suposições. O fenômeno existe, mas precisaria ser discutido em sua verdadeira dimensão, pois a saída de um aluno da escola não significa sua ruptura com o sistema e a renúncia à escolarização. Trata-se, na maior parte das vezes, de transferência e não realmente de evasão. Assim, muitos que deixam a escola não se afastam do sistema, apenas abandonam um estabelecimento por outro, permanecendo na rede escolar.

Ao longo das pesquisas, ficou evidenciado que a saída de uma criança da escola - a "evasão" - decorria de diferentes razões, destacando-se:

- o exercício de subempregos para auxiliar na economia doméstica;
- as atividades empregatícias, nem sempre regulares, por alunos dos cursos noturnos;
- as ocupações obrigatórias no próprio lar, exercidas por meninas, durante a ausência dos pais;
- a atuação em atividades agrícolas sazonais, especialmente na zona rural;
- a migração dos pais, que se deslocam entre bairros, entre municípios e entre cidades;
- o desemprego na família, com o conseqüente regresso às origens;
- os constantes problemas de saúde, levando a criança ao afastamento prolongado e à desistência da vida escolar;
- as matrículas múltiplas, para atendimento de interesses pessoais, gerando a falsa idéia de evasão;
- o deslocamento da escola pública para a particular, à procura de uma suposta melhor qualidade de ensino;
- a qualidade do ensino, geralmente má, promovendo o desinteresse e o abandono dos estudos;
- a freqüente ausência dos professores às aulas, sem a sua substituição;
- as deficiências pedagógicas dos professores, que muitas vezes não possuem uma formação técnica adequada;

- a evasão de professores e de pessoal qualificado, por falta de uma política salarial adequada, provocando o esvaziamento da escola;
- as greves demasiadamente longas do pessoal docente, gerando desmotivação, especialmente nas crianças das primeiras séries;
- a possibilidade de repetência, o que determinaria a transferência para outras escolas ou o abandono dos estudos ao final do ano;
- a ocorrência de problemas pedagógicos, como dificuldades na aprendizagem e/ou na relação professor-aluno, e a falta de interesse da escola e pela escola;
- ausência de atividades educativas e lúdicas na própria escola, gerando desmotivação;
- a falta de prontidão para a alfabetização, provocando, desse modo, o desinteresse e o abandono da escola;
- as deficiências na implementação do programa social da merenda escolar;
- e, finalmente,
- a inadequação das acomodações físicas da escola, dificultando a orientação do processo de aprendizagem.

À semelhança do que ocorreu com a chamada evasão, identificaram-se diferentes variáveis que, na opinião de professores e administradores, influenciariam na **REPROVAÇÃO ESCOLAR**. Os problemas de repetência mostraram-se graves, com percentuais elevados, às vezes superiores a 60% por turma, nas primeiras séries, chegando a pesquisa a identificar casos de 100% de reprovação em turmas de 1ª série. As escolas nem sempre possuíam dados precisos e confiáveis sobre reprovação; entretanto, essas mesmas escolas desenvolviam toda uma filosofia de reprovação. Apesar da precariedade das estatísticas, as reprovações mostraram-se abusivamente altas, sendo o quadro preocupante, por resultar de uma pluralidade de fatores, como os indicados, que, entretanto, não exaurem a problemática:

- superpopulação das classes, impedindo um atendimento mais personalizado à criança;
- baixo índice de freqüência dos alunos, interrompendo o processo de aprendizagem;
- reiteradas faltas dos professores, sem a correspondente substituição;
- rotatividade dos professores e defasagem dos conteúdos em relação à escolaridade;
- deficiência na formação pedagógica dos professores;
- aceleração dos programas, para atendimento da "obrigação" de simplesmente cumpri-los;
- ensino eminentemente baseado no apelo à memorização;
- defasagem entre o currículo e a realidade sócio-cultural do aluno;
- falta de um ensino básico eficiente, que desenvolva a capacidade de ler, escrever e contar;

- inadequação de livros e outros materiais didáticos à cultura social do aluno;
- metodologias de ensino impróprias à escola de 1ª grau;
- alterações curriculares constantes e nem sempre ajustadas à realidade do aluno;
- currículos congestionados e não devidamente trabalhados pelos professores com as crianças;
- transferência de uma escola para outra com currículos diferentes;
- ausência de assistência pedagógica aos professores e aos alunos;
- falta de prontidão dos alunos para a aprendizagem nas primeiras séries;
- interesse tardio do aluno pelas atividades da escola;
- marginalização dos alunos menos preparados pelos professores;
- deficiências no processo de alfabetização, com repercussão ao longo da seriação escolar;
- dificuldades de apreensão dos conteúdos curriculares, que nem sempre correspondem à realidade do aluno;
- problemas de nutrição, que a precariedade do programa da merenda escolar não permite eliminar;
- constantes greves de professores, criando soluções de continuidade no processo de aprendizagem;
- desestímulo e desinteresse dos professores em relação à escola e ao ensino;
- falta de motivação dos alunos, em decorrência da carência de estímulos da própria escola;
- ausência da participação da família no acompanhamento das atividades escolares;
- deficiência do sistema de avaliação, altamente repressivo e punitivo, que age como fator de desestímulo junto ao aluno e não orienta o seu processo formativo.

As pesquisas sobre o rendimento escolar detiveram-se amplamente na análise das estatísticas das provas de Português e Matemática. A aplicação das provas a todas as crianças, longe de obscurecer diferenças individuais e/ou regionais, permitiu o levantamento de defasagens na aprendizagem ao longo da seriação escolar. Os desempenhos excelentes foram raros; prevaleceram, na verdade, resultados medianos ou fracos.

As crianças de 1ª série, em Português, apresentaram alguns bons desempenhos, mas revelaram problemas agudos de *alfabetização* e não souberam *ordenar palavras para a formação de frases*, ainda que essas palavras fosse simples e as frases se revestissem de grande singeleza. Os resultados de Português da 3ª série poderiam ser considerados razoáveis, ainda que poucos alunos se tenham situado em um nível melhor; contudo, foram observados problemas em relação à *interpretação de textos*, *ortografia* e a *vários pontos da gramática*. Especificamente, pôde-se constatar certa incapacidade para o uso de palavras que possibilitassem a *complementa-*

ção de frases com sentido. Os bons resultados obtidos por grupos da 5ª série em Português não impediram a identificação de graves deficiências apresentadas por alunos desse nível. As lacunas de conhecimento observadas na 5ª série refletiram uma defasagem acumulada da aprendizagem: - problemas positivados na 1ª e na 3ª séries voltaram a se repetir na 5ª série, especialmente na parte de *compreensão de textos*. As dificuldades reveladas pelos resultados da prova de Português da 7ª série comprovaram que o desempenho não chegou a mediano. A análise estatística das respostas permitiu verificar deficiências anteriormente constatadas na 1ª, na 3ª e na 5ª séries; além disso, na parte de compreensão de textos, os jovens da 7ª série demonstraram um *vocabulário* extremamente carente face ao seu nível de escolaridade.

A *redação*, apesar dos resultados quantitativos altos, na 5ª e 7ª séries, revelou-se o ponto mais crítico dos desempenhos, na avaliação do 1º grau da rede oficial. As notas atribuídas pelos avaliadores apontaram a ocorrência de um erro de tendência central na avaliação; no entanto, a análise qualitativa mostrou que, salvo poucas exceções, as crianças apresentavam problemas na capacidade de *expressão escrita*, com flagrantes deficiências no domínio do vernáculo.

Ao contrário do que ocorreu em Português, em que desempenhos medianos e bons foram constatados, a prova de Matemática da 1ª série apresentou desempenhos em geral fracos. Observou-se a fragilidade da aprendizagem em relação a *conceitos básicos* (unidade e dezena, por exemplo) e a falta do domínio das técnicas de *adição e subtração*, especialmente dessa última. Os resultados dos alunos da 3ª série em matemática revelaram-se bastante comprometidos. A falta do domínio de conceitos básicos voltou a ser constatada, repetindo, assim, situação positivada na 1ª série. Apesar de alunos matriculados na 3ª série, o domínio das técnicas da *adição e subtração* mostrou-se bastante precário. A aplicação da soma e da subtração a *problemas simples*, especialmente se essas operações devessem ser realizadas no mesmo exercício, revelou-se um obstáculo para a maioria dos alunos. As demais operações básicas, como a *multiplicação e a divisão*, também foram difíceis e demonstraram que as crianças, nesse nível de escolaridade, não possuíam o domínio de suas técnicas. Os resultados foram extremamente deficientes na prova de Matemática da 5ª série. A avaliação ressaltou que grupos consideráveis de crianças nessa série tiveram dificuldades com *operações de adição, subtração, multiplicação e divisão*, o que foi surpreendente para esse nível de escolaridade. As deficiências da aprendizagem revelaram-se com toda intensidade em assuntos curriculares que supostamente deveriam ser do domínio de crianças de 7ª série. Apesar da estruturação das questões dentro de um programa mínimo e da adequação da prova a esse nível de escolaridade, a precariedade dos resultados em Matemática na 7ª série, expressa por notas extremamente baixas, evidenciou a grande deficiência dos alunos desse nível de ensino. Ficou comprovado que os alunos apresentavam deficiências em pontos importantes para uma formação escolar razoável, especialmente em aritmética (*frações*), álgebra (*equações de 1º grau*) e geometria (*medida de ângulos*).

A escola de 1º grau da rede oficial, em função dos elementos pesquisados, revelou experimentar problemas de múltiplas dimensões. A par da falta de uma infraestrutura material, a rede oficial, em muitos casos, mostrou não possuir recursos humanos - professores e administradores - suficientemente qualificados para a operação da complexa engrenagem da escola, com vistas à formação da criança. Entretanto, apesar de todas essas deficiências, a pesquisa constatou também o empenho dos professores, orientadores e administradores para a realização de um trabalho educacional tanto quanto possível eficiente, mesmo vivenciando um mundo de adversidades.